

JOVENS EM SITUAÇÃO DE DEPENDENCIA QUÍMICA REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA ESCOLA, E DE SEUS DIREITOS

Elis Marina Nunes¹

Jorge Armindo Sell²

Resumo

O consumo de drogas pelos jovens vem crescendo significativamente nos últimos anos, principalmente no ambiente escolar. Busca-se com a presente pesquisa uma reflexão acerca do papel da escola para com alunos em situação de dependência química, analisando como estes são tratados por professores, direção e demais membros da unidade escolar, visto que na maioria das vezes a escola é sua única fonte de dignidade e mantenedora de sua cidadania. É certo que a legislação presente busca meios de prevenção ao uso das drogas. É comum vermos em escolas palestras informativas quanto ao uso e consumo de drogas, suas reações e consequências. Porém há de se pensar nos alunos que já experimentaram, já usaram, ou que são usuários. Pensar em como a escola os recebe, como é o seu convívio com os demais e como se dá seu processo de ensino aprendizagem. A partir dos relatos de caso apresentados abaixo, percebe-se que a dependência da droga ocorreu em meninos, negros, moradores de área periférica, carentes e com famílias desestruturadas. Trajetórias vivenciadas mostram que os jovens quando entram no mundo das drogas, muitas vezes, estão tentando uma fuga ou um momento de paz. Por receio, vergonha, constrangimento ou até mesmo medo de uma punição acabam se distanciando dos demais. Tornam-se diferentes dos colegas de classe, são vistos como mais um caso perdido, perdem assim a esperança de uma vida melhor e acabam evadindo-se da escola regular. Alguns após várias reprovações buscam uma nova oportunidade na EJA, está também acaba por frustrá-los, fazendo-os abandonarem de vez os estudos.

Palavras-chaves: Drogas, Estudantes, Vulnerabilidade, Direito, Educação

¹ Pós-Graduanda do curso de Especialização em Educação e Diversidade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC Campus Canoinhas. E-mail: elismarinanunes@msn.com

² Docente Doutor em Filosofia, docente do curso de Especialização em Educação e Diversidade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC Campus Canoinhas. E-mail: jorge.sell@ifsc.edu.br

INTRODUÇÃO

O uso de drogas, cada vez mais comum aos jovens, tem sido um grande desafio para os profissionais da educação. Saber lidar com esta situação não é uma tarefa fácil.

Na presente pesquisa, buscou-se uma análise e reflexão acerca dos casos aqui apresentados, buscando uma reflexão aprofundada acerca do papel da escola em como trabalhar com estudantes em situação de dependência química. Em como estes tiveram seus direitos negados no que se refere a uma educação digna e de qualidade. Jovens tendo sua vida escolar deixada de lado para percorrer o caminho das drogas.

A falta de estudos e de oportunidades de emprego faz com que busquem ainda mais nas drogas um conforto para suas vidas, onde acabam entrando para o tráfico, conseqüentemente o roubo entre outros crimes. Justificam-se então os grandes números de jovens nos presídios, quase que em sua totalidade sem concluir os estudos. Em casos mais trágicos, jovens perdem sua vida para as drogas. Nota-se que nossas escolas e nossos profissionais da educação não estão preparados para lidar com estas situações.

A escola não acolhe, e não consegue manter alunos que são dependentes químicos como os demais. Estes sempre são vigiados e discriminados. Há de se refletir então nas situações que os levaram para as drogas, na sua trajetória de vida e em como escola pode proporcionar-lhes condições para despertá-lo de uma nova perspectiva de vida. Se não mais adianta a informação para a prevenção, é preciso criar mecanismos e estruturas para o acolhimento destes jovens nas escolas, o encaminhamento aos setores responsáveis, e ao tratamento adequado. É preciso proporcionar-lhes apoio e ajuda, sem discriminação e julgamentos. A pesquisa aqui apresentada foi realizada de forma qualitativa, apresentando os relatos de casos, e bibliográfica buscando uma reflexão acerca do tema trabalhado. A partir desse diagnóstico, as situações que levam os jovens às drogas pedem uma reflexão mais aprofundada, a dependência da droga não surge num piscar de olhos, existem vários estágios até chegar ao vício e a dependência.

ADOLESCENCIA E JUVENTUDE

Segundo o dicionário Michaelis, adolescência é o período do desenvolvimento humano, entre a puberdade e a idade adulta, durante o qual ocorrem mudanças físicas, como o crescimento acelerado, a maturidade sexual e alterações psicológicas e sociais. A origem da palavra adolescência vem do latim *ad* (para) + *olescere* (crescer); portanto adolescência significa, ' crescer para".

Muito além das questões físicas e cognitivas precisamos compreender a adolescência também como uma questão cultural. Até o século 19 a sociedade não concebia a ideia de uma fase transitória, naquela época o indivíduo deixava de ser criança, por volta dos dez, catorze anos de idade e passava a ser adulto.

O termo adolescente teve sua ênfase após a segunda guerra mundial, quando surge o rock 'n' roll, a revolução cultural que afetou de forma mais acentuada os jovens.

Portanto, a adolescência não existiu sempre, constituiu-se na história com base nas necessidades sociais e todas as suas características foram desenvolvidas a partir das relações sociais com o mundo adulto e com as condições históricas em que se deu seu desenvolvimento. Assim, a adolescência é uma fase de desenvolvimento na sociedade moderna ocidental. Não é universal e não é natural dos seres humanos. Ela é fruto de uma condição histórica (BOCK, LIESBESNY, 2004, p. 39-40).

Ser jovem é estar em constante transformação e adaptação, interligadas a fatores culturais, sociais e emocionais. O jovem passa a receber influências e orientações de tudo o que o cerca, passa a tornar-se crítico, e percebe as divergências presentes à sua volta. Não tem mais na família seu porto seguro, pois recebe informações em outros meios como na escola, com os amigos, nas redes sociais, e demais ambientes a sua volta. O excesso de informações gera imensas crises existenciais. O adolescente passa então por uma fase de insegurança.

A adolescência tem por características principais a impulsividade e o distanciamento. Agir por impulso é comum, o jovem quer tudo rápido, pronto e acabado, priorizando o agora. Por outro lado é comum vermos a adolescência ser comparada a um segundo parto ao qual o indivíduo deixa sua família para então ingressar na sociedade.

Ao pensar na etimologia dessa palavra, remete-se à ideia de desenvolvimento, de preparação para o que está por vir, algo já estabelecido mais à frente; preparação essa para que a(o) adolescente se enquadre nesse “à frente” que está colocado, culminando na idade adulta (PEREIRA; PINTO, 2003).

Nessa etapa da vida é comum tentar se afastar da família, pois essa já não lhes satisfaz em relação aos interesses sociais.

Os pais, não aceitando a busca da liberdade, muitas vezes tomam atitudes autoritárias, que os afastam ainda mais do grupo familiar. Outra atitude errada, normalmente tomada pelas mães, é o fato de não aceitar o crescimento do filho, achando que ainda é criança e tratando-o como tal. Essa atitude também o leva a afastar-se, pois nessa idade já não quer mais ser considerado criança.

A adolescência é, pois, a fase da descoberta, da busca do eu, é a idade em que percebemos que estamos crescendo, que já crescemos, e que podemos responder por nossos atos. Idade da ingenuidade, da divergência de conceitos.

Pensamos serem donos de nós, mas ainda dependemos de nossos pais. Assumimos nossos atos, mas temos medo da punição. Queremos liberdade, mas aguardamos por vigia. Queremos estar livres mas dificilmente saímos do amparo de nossos pais. Distanciamos-nos ao mesmo tempo em que aguardamos o chamado para nossa volta.

A adolescência é como diziam os mais antigos, a idade da bobeira, a mais autêntica e passageira das idades. E assim passamos a graduar a vida em idades; idade de brincar, idade de estudar, idade de namorar...

A idade não é, então, somente um conjunto de anos que se vai agregando num processo linear, mas determina expectativas e comportamentos, podendo tornar o tempo um inimigo. Por outro lado, diz que, no devir das experiências e respostas existenciais, uma idade não elimina a outra, mas a contém. Em vez de se pensar na juventude como um momento de preparação para algo que está por vir, alimentando preconceitos e hierarquizações, acreditar que o menino e a menina, o jovem e a jovem estão na pessoa adulta ou velha e, inclusive, os meninos e as meninas podem responder como adultos em determinadas situações. (LLORET, 1998, p.20)

Saber lidar com essa idade passa a ser uma difícil jornada.

Em meio a tantas mudanças, o jovem sente a necessidade de pertencer a um determinado grupo, sente prazer em se sobressair, quer chamar atenção, ser visto,

ser aceito. E é dessa forma que mudam de comportamento e passam a integrar o grupo em que se sentem mais confortáveis.

Mudanças constantes acabam por gerar vulnerabilidade, e é nessa fase que acabam por perderem o domínio de si, e aí é que surgem os principais problemas da adolescência, como a delinquência, a gravidez precoce, o acesso ao álcool e as drogas e conseqüentemente ao fracasso escolar.

Os costumes dos nossos filhos não dependem só do que eles aprendem dentro de casa. A educação familiar escapou ao controle porque, desde pequena, a criança já recebe influências da escola, dos amigos, da televisão e da internet. Desse modo, entra em contato com modelos diferentes de funcionamento muito mais cedo. Entrar no mundo dos adultos é um misto de desejo e temor. Significa a perda definitiva da condição de ser criança e com isso surgem as responsabilidades, mostrando o que realmente mudou em suas vidas. E é na angústia da nova vida, que se juntam em grupos, e nestes, por vezes com medo de não serem aceitos pelos novos amigos passam a se submeter à regras, sejam elas quais forem, estando vulnerável e querendo seu lugar no grupo, é neste momento que surgem as dependências químicas. É muitas vezes, com estas atitudes que conseguem ser ouvidos, pois os ditos amigos possuem linguagem própria, coisa que os pais não têm. (TIBA, 2006, p.86)

Ao entrar em contato com as drogas neste período de grande vulnerabilidade o jovem expõe-se a grandes riscos.

Neste caso, adolescência e drogas parecem estar interligadas, de forma que, para compreender o grande número de jovens e adolescentes que se tornam dependentes dela, precisam-se reconhecer todas as especificidades desta fase.

Compreende-se, pois, que a vulnerabilidade é uma condição intrínseca a própria adolescência, porém para alguns jovens essa vulnerabilidade é ferida de modo particular.

INÍCIO NO MUNDO DAS DROGAS

A palavra droga provavelmente tem origem francesa (*drouge*) ou holandesa (*droog*) certamente referindo-se as folhas secas utilizadas no tratamento de doenças. Seu consumo percorre várias civilizações, seu uso e sua finalidade se destacam ao longo da história, de modo que cada povo utilizou as drogas de diferentes maneiras. Seja para cura de doenças, em busca de situações de humor, de tranquilidade e até mesmo em rituais religiosos (SANTOS, 2020).

Segundo a organização mundial de saúde (OMS), droga é qualquer substância que, introduzida no organismo, interfere no seu funcionamento. Conseqüentemente, tanto é droga a maconha quanto a aspirina e o antibiótico; tanto o álcool quanto a cocaína; tanto o cigarro quanto LSD; tanto o cafezinho quanto o lança perfume. O que varia é como atua no organismo de cada indivíduo, bem como a finalidade, pois, quando a droga é empregada com finalidade terapêutica, ela passa a denominar-se medicamento

Vale lembrar que em décadas atrás não se tinha conhecimento sobre seus efeitos e conseqüências ao organismo humano.

Estima-se que no Brasil os primeiros contatos com as drogas se fizeram com os índios com curas medicinais e religiosas. Já a maconha (cannabis sativa) fora trazida por escravos angolanos que vinham em caravanas portuguesas no período de colonização do Brasil.

Sabendo, pois, que a droga surge como uma alternativa medicamentosa, que visa satisfazer o corpo e a mente e reconhecendo a vulnerabilidade do jovem na busca por tais satisfações soa conclusiva a ligação entre ambos.

Para a experimentação e dependência é necessário que o indivíduo esteja vulnerável, motivado ao uso e que fatores como baixa autoestima, miséria, falta de habitação, entre outros colaborem. Não existe droga leve ou pesada, não existe faixa etária de segurança para o consumo, pois a droga em si, apenas colabora ou facilita a dependência. São necessários analisar quais as condições que favorecem o uso, quais as necessidades supridas pelo consumo e quais os fatores que motivam os seu uso (O MUNDO DA SAÚDE, 1999; SEIBEL;TOSCANO, 2001).

Para entender como os jovens entram neste caminho precisamos reconhecer a fragilidade e vulnerabilidade que estes se encontram, e que, ao terem acesso a droga, muitas vezes presente no portão das escolas faz sua experimentação ser cada vez mais precoce.

Adolescentes encontram-se na idade da descoberta do mundo caracterizando-se pela experimentação das várias possibilidades que o mesmo oferece.

A fragilidade dos jovens, a falta de informação correta, a busca por novas aventuras, e a fuga de seus problemas muitas vezes ligados a sua condição social e cultural torna cada vez mais comum o consumo de drogas entre eles.

Destacarei aqui, alguns dos principais fatores que levam o jovem a experimentação e ao consumo.

- Questão Familiar: Podemos destacar aqui a ausência paterna (seja física ou simbólica) como um dos principais desencadeadores de risco à procura da droga. Assim como, famílias desestruturadas que na maioria das vezes carecem de amparo e orientação.

- Situação Financeira: Adolescentes vindos de famílias carentes, muitas vezes com sua moradia situada em área periférica tendem a buscar um caminho melhor nas drogas, pois neste caso o acesso a droga é fácil, e a busca por uma vida melhor e mais digna acaba os deslumbrando para este caminho. Neste caso, na maioria das vezes além de consumidores passam a praticar na busca por dinheiro fácil.

- Convívio Social: A aproximação e convívio com outros jovens que já usaram ou fazem uso de algum tipo de droga faz com que o primeiro contato com ela ocorra naturalmente. O jovem tende a sentir noção de pertencimento ao grupo quando se torna parte dele.

- Situações Emocionais: Achar que aquele indivíduo pertencente a uma família com condição social e financeira tranquila, o famoso “filhinho de papa” não vai chegar a droga é pura ilusão. Muitas vezes a falta de diálogo familiar, o fato de se ter tudo aquilo que se quer, acaba, pois, gerando um vazio, muitas vezes desencadeando problemas emocionais como a ansiedade e até mesmo a depressão que acabam agindo como ponto de partida para a procura da droga.

É preciso destacar que existem vários estágios durante este contato. Sendo necessário muito cuidado para a diferenciação entre o uso ocasional, inicial ou patológico. É certo que a maior parte de usuários de substâncias psicoativas não chega a desenvolver um quadro de dependência, porém não o isenta de riscos.

É preciso assinalar que mesmo o uso ocasional não é isento de riscos, como se pode verificar, por exemplo, por meio dos numerosos casos de acidentes de trânsito causados por motoristas sob efeito do álcool (SILVEIRA; DOERING-SILVEIRA, 2017).

Nos casos de dependência vale destacar que ela tem como uma de suas características principais a falta de controle do impulso, o que leva a usar a droga para a satisfação de seu prazer.

“Usuários se tornam dependentes quando não conseguem controlar o consumo de drogas, passando a agir de forma impulsiva e repetitiva em relação ao uso” (SILVEIRA; DOERING-SILVEIRA, 2017, p. 19)

Quando nos referimos ao “uso de drogas” por adolescentes, é preciso muito cuidado para fazermos a diferenciação dos padrões de uso, de modo a não mitificar, e transformar em um monstro um uso ainda experimental e social.

USUÁRIOS DE DROGAS NAS ESCOLAS

A escola não é somente um espaço para aprendizado, muito, além disso, a escola é um espaço de envolvimento entre educandos e educadores, comunidade escolar e família. É, pois na escola que se recebe a preparação para a vida em sociedade.

A escola apresenta-se aos jovens como um instrumento para o exercício da cidadania, na medida em que funciona como um dos passaportes de entrada e aceitação na sociedade e como oportunidade de uma vida possível melhor. (ABRAMOVAY, 2005, p. 89)

A escola passa a ser o primeiro contato do indivíduo com a sociedade, é na escola que se estabelece os primeiros passos da democracia. Compreende-se, desta forma escola enquanto processo civilizatório e de inserção social. Cabe à escola compreender o indivíduo em todas as suas particularidades, tomando consciência do seu desenvolvimento, como bem observa Francis Wolff:

[...] no primeiro sentido, civilização é civilidade; no segundo, é a parte espiritual da cultura; no terceiro, é a humanidade do sentido moral. O primeiro tipo de bárbaro parece pertencer a um estágio arcaico de socialização; o segundo, a um estágio arcaico da cultura; e, mais grave ainda, é a um estágio pré-humano que o terceiro parece pertencer: é o homem que permaneceu em estado selvagem, que se tornou, ou tornou a ser, desumano (2004: 23-4).

É notório o crescimento das drogas dentro do ambiente escolar. O que tem desencadeado o fracasso escolar, a reprovação, o atraso com relação a série idade levando a procura da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e até mesmo o abandono escolar.

Quando, então, abordamos a temática de drogas no ambiente escolar, precisamos reconhecer o papel da escola, não somente no sentido de orientar, mas principalmente no acolhimento dos alunos envolvidos e na garantia de uma educação digna e de qualidade para estes.

Apresentarei aqui, três casos envolvendo alunos (usuários de drogas), que não receberam o tratamento adequado na unidade escolar que frequentavam.

PRIMEIRO CASO

Era uma turma de oitavo ano, escola pública, com alunos com idade entre treze e catorze anos. Entre eles João³ com seus dezessete anos, chegou a esta escola ano anterior a este. O jovem veio transferido de uma escola municipal próxima, onde foi convidado a se retirar por desrespeito aos professores, além de muitas faltas e notas baixas. Já no primeiro ano do ensino fundamental foi reprovado, na época era permitida retenção mesmo em fase de alfabetização, mais tarde na mudança para os anos finais, sexto ano, foi novamente reprovado. Chegando a esta escola, mais uma vez foi retido, onde no presente ano faz pela segunda vez o oitavo ano.

Menino negro, filho de pai analfabeto e mãe com apenas escola primária. Dividia a casa com mais quatro irmãos e uma sobrinha, filha de sua irmã mais velha.

Logo no início do ano letivo, como professora, foi alertada para não deixar a sala de aula aberta, para não deixar o aluno sair para ir ao banheiro, e não permitir que o mesmo saísse da sala de aula. Não bastante, deveria tomar um cuidado especial com este aluno também no recreio, não o permitindo circular perto do portão. O motivo, João era usuário de drogas, onde foi relatado que o menino teria sido visto fumando maconha nas dependências da escola como também já fora visto “passando” para os demais alunos.

João por vezes chegou à escola com óculos de sol, na sala mantinha-se quieto e nem sempre copiava a matéria, apenas estava ali.

Mantinha-se em seu lugar, tinha poucos amigos e dificilmente respondia quando o professor o chamava não questionava, nem argumentava.

³ Nome usado simbolicamente

“No primeiro conselho de classe, ao pronunciar seu nome, ouço que ele não tem nota”, “não faz nada”, mas que infelizmente a escola tem que aceitar ele ali. “É o sistema!”

Levantei a questão de perceber que ele tinha dificuldades para escutar, e que quando me dirigia a ele precisava estar bem próxima para que me compreendesse. Neste momento a equipe pedagógica esclarece que o menino é deficiente auditivo, e que a mãe já veio à escola pedir ajuda e que ele aguardava na fila do SUS por um aparelho. Ou seja, o menino precisava de atendimento diferenciado, porém a escola não tivera cuidado quanto a isto. Preferiu-se cuidar do menino, a fim de que não prejudicasse a imagem da escola com possíveis situações.

No segundo semestre do ano João completou seus dezoito anos, e foi chamado pela direção da escola para procurar o EJA, visto que ele já era “de maior” e segundo a escola seria melhor para ele.

E assim o fez, matriculando-se na EJA para concluir seus estudos no período noturno. Ficando com o dia todo livre, pois João não havia conseguido emprego.

Passaram três anos, e me deparo com João vindo buscar seu irmão na escola, ao conversar, João conta que este é o terceiro filho de sua irmã. E que ele também teve seu filho. Estava casado, trabalhando como ajudante de pedreiro e morando em uma casinha alugada. Mas, que, durante dois anos ficou preso por tráfico de drogas, segundo ele, foi abordado portando uma quantidade maior que o considerado consumo. Nesse tempo em que estava preso foi que seu filho nasceu, e que ele não pôde estar ao lado de sua então namorada neste momento. Disse que sentia muito por isso e estava trabalhando para dar uma vida melhor para seu filho.

Quanto aos estudos, não concluiu. Pensa em voltar a estudar, pois com o ensino médio é mais fácil para conseguir um emprego registrado, diz ele.

Sua esposa também não concluiu os estudos, terminou o ensino fundamental e se tornou dona de casa, e dedicando-se ao bebê. Os dois estão vivendo com um salário mínimo, tentando construir uma vida digna.

SEGUNDO CASO

Era uma turma quarto ano do ensino fundamental, alunos com faixa etária entre nove, dez anos. Passava-se cerca de um mês do início das aulas quando o ministério público encaminha um aluno para frequentar a classe.

Gabriel⁴ estava com catorze anos, foi expulso de várias escolas, era dependente químico e já possuía passagens na polícia. O mesmo havia sido internado duas vezes em clínicas de reabilitação, porém sem resultado. Filho de mãe solteira dividia a casa com mais quatro irmãos, ambos de pais diferentes.

Menino negro e pobre. Na época a mãe estava desempregada e fazia bicos como faxineira. Um dos principais motivos para manter o filho na escola era para não perder a bolsa família, ajuda recebida do governo federal, que em caso de evasão escolar a família tem o benefício cortado.

O aluno sentia vergonha perante aos demais, demonstrava receio por estar junto com as “criancinhas”, como ele chamava os colegas de classe. Apesar da defasagem escolar, era alfabetizado, possuía uma boa leitura e tinha boas noções de matemática.

Apesar de relatos de portar facas e outros objetos de “defesa” em sua mochila, sempre demonstrou ser um menino calmo, sempre agiu com respeito para com a professora e colegas. Ajudava a distribuir as tarefas e manter a sala organizada.

Não participava da aula de artes, nem ao menos da educação física, ficava na sala, conversando com as professoras, gostava de falar de sua vida, de tudo que já havia feito e sentia-se confortável para falar de drogas, família, escola... Sempre mostrou grande amor por sua mãe e seus irmãos, dizia que sua mãe era uma guerreira por cuidar deles sozinha.

Porém Gabriel não gostava de ser contrariado e dificilmente permanecia na escola até o horário final das aulas. Geralmente após o intervalo ficava inquieto, tremia, e evadia-se da escola.

Gabriel estava sempre rindo, muitas vezes chegava a escola com os olhos vermelhos, motivo pelo qual várias vezes ficava com óculos de sol dentro da sala.

Gabriel não faltava à aula, porém não conseguia ficar até o horário final. Durante o ano letivo, Gabriel ficou por três meses internado em uma clínica de reabilitação e então retornou a escola.

Como Tratamento tomava 12 comprimidos durante o dia, 6 no período que estava em casa e 6 na escola. Há noite mais 4 comprimidos para dormir. Como ele afirmava, “Uma droga para eu se esquecer da outra droga”.

⁴ Nome usado simbolicamente

Sua volta à escola ficou um pouco mais conturbada, apresentava tremores, não conseguia escrever, tinha dificuldades para manter-se sentado, balançava as pernas o tempo todo e não tinha mais aquele sorriso de antes.

Alguns dias se passaram Gabriel então completo seus quinze anos, é orientado pela direção da escola para procurar o EJA que lá eles teriam um tratamento melhor para ele.

E assim o fez. Procurou o EJA mais próximo, participou de uma aula, e evadiu-se. Direção e professores do EJA procuraram a nossa escola para saber do menino, pois ele não estava frequentando a escola e não conseguiam contato com o mesmo.

Cerca de um mês após surge à notícia que o menino estaria desaparecido. Gabriel teve seu fim trágico, perdeu a vida por dívidas que seu vício não pode pôde sustentar.

TERCEIRO CASO

Oitavo ano, escola estadual situada em área periférica.

Na turma, apenas dezoito alunos, com grande disparidade de idade. Entre a turma Felipe⁵ com dezesseis anos de idade, esta era a terceira escola que frequentava, uma vez que fora convidado a se retirar das anteriores.

Menino negro, morador de área de extrema pobreza, pais separados, mãe dona de casa Felipe dividia a casa com dois irmãos e um sobrinho.

Em sua primeira escola foi convidado a se retirar por atitudes grosseiras e desrespeitos com os professores. Nesta época já apresentava um comportamento diferente aos demais. Na escola seguinte, por vezes levou bebida alcoólica na mochila e havia suspeita de estar, portanto também drogas ilícitas (maconha).

Nos primeiros dias de aula a mãe foi chamada pela escola para dialogar sobre o menino a fim de evitar situações como as anteriores.

Senhora humilde e prestativa, já no primeiro momento deixou claro que o menino estava trabalhando em uma serraria para manter-se ocupado e ajudar em casa. Afirmou que sabia que o menino fumava (Mas o cigarro normal, segundo ela) e que muitas vezes ela comprava para ele, pois ela também fumava.

⁵ Nome usado simbolicamente

A senhora conta que os vizinhos são muitos “enxeridos” é que já foram procurar ela dizendo que o menino estava em má companhia, que estava mexendo com coisa ruim. Para ela isso era só intriga dos vizinhos, pois ele ficava bastante tempo na rua, gostava de música e devia ser por isso que implicavam com ele.

Ouvir estas palavras, ao mesmo tempo em que olhava para aquela senhora, não foi nada fácil, e um silêncio se fez presente naquele momento.

Foi aí que ela disse que um vizinho teria falado para ela fazer um exame de sangue no menino, que eles estavam falando pra ajudar ela que ai sim ela iria ver o filho que ela tinha.

O fato é que neste momento eu estava pensando como os vizinhos, seria bom fazer o exame e esclarecer, assim poderíamos ajudar pedir ajuda ou até mesmo encaminhá-lo para setor responsável. Infelizmente o silêncio prevaleceu, entendo que nós como profissionais da educação não estamos preparados para este tipo de situação.

Felipe realizava todas as tarefas escolares, conseguia atingir a média pois muitas vezes os trabalhos em grupos o ajudavam. Tinha boa convivência. Adorava jogar bola, e jogava muito bem por sinal. O professor de educação, em uma preparação para os jogos escolares chegou a dizer que até poderia colocá-lo no time da escola, “mas que não adiantava ser bom na quadra e fora se deixar levar pelas más influências”.

Neste dia Felipe ficou muito bravo, saiu resmungando, dizendo palavras levianas para o professor.

Felipe atingiu a média e conseguiu passar de ano, porém no ano seguinte abandonou os estudos. Amigos relatam que Felipe está “perdido nas drogas”, já havia sido pego pela polícia, mas foi liberado. Sua mãe na tentativa de salvá-lo conseguiu um emprego em uma fábrica de móveis, numa cidade próxima, por intermédio de um pastor da igreja que frequenta. O que se sabe é que está trabalhando, parou de estudar, e segundo relatos de amigos está “no pó”, se tornando usuário de cocaína.

Fica evidente que ambos os casos tiveram suas vidas corrompidas, todos os envolvidos são meninos, afrodescendentes, de condição socioeconômica mais pobre, e com laços familiares precários.

É notório o fracasso da escola para com estes alunos, e visível que nenhuma medida foi tomada para o enfrentamento a dependência.

Ora, pois, se a escola está trabalhando de forma a orientar para a prevenção e mesmo assim os resultados são contrários, precisamos rever os conceitos, analisar as situações vivenciadas para então tomar novas medidas no enfrentamento das drogas no ambiente escolar.

A escola cabe, pois o papel de orientar e fornecer verdadeiras informações sobre as drogas.

De acordo com Didonê e Murtini (2007, p.40):

É necessário compreender os efeitos das drogas e por que elas exercem tamanho fascínio. Da mesma forma, é essencial que todos os professores e demais membros da comunidade escolar estejam comprometidos com esse trabalho e afinados com as melhores formas de agir.

É possível refletir com os casos aqui apresentados que o aprofundamento dos jovens no mundo das drogas seria evitável caso houvesse o acolhimento devido ainda nos usos iniciais da droga.

Confirmou-se através dos casos apresentados a realidade das nossas escolas, realidade esta que nos faz refletir sobre seu fracasso. A falta de preparação de comprometimento e compromisso com o ser humano.

A triste realidade dos jovens aqui relatados mostra o fracasso escolar. Ambos tiveram sua trajetória escolar interrompida, como se a escola estivesse esperando o momento para “se ver livres destes”, empurrá-los para a EJA soa como a solução por eles almejada. É como se a escola quisesse selecionar seus educandos. Nesta seleção aquele que tem o padrão imposto pela sociedade é colocado à frente dos demais.

Jovens negros, pobres, e moradores de áreas periféricas além de serem julgados pelas condições em que se encontram acabam por ter suas vidas ceifadas também no ambiente escolar.

Analisando os três casos, percebemos que ambos os meninos são negros e de famílias humildes, o que nos leva a pensar sobre o tratamento que estes tiveram, podendo estes, serem vítimas de racismo, mais propriamente o racismo estrutural.

Racismo estrutural é o termo usado para reforçar o fato de que há sociedades estruturadas com base na discriminação que privilegia algumas raças em detrimento das outras. No Brasil, nos outros países americanos e nos europeus, essa distinção favorece os brancos e desfavorece negros e indígenas. (FORTE, 2019)

Os casos aqui apresentados exemplificam situações já retratadas em trabalhos mais exaustivos sobre o racismo como o do filósofo e professor Silvio Luiz de Almeida.

REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA ESCOLA EM COMO TRABALHAR COM ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE DEPENDENCIA QUÍMICA

Segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

É através da educação que se tem o preparo para uma vida em sociedade, e esta, apesar de ser um papel do estado acontece com a união de escola, família e sociedade.

Como justificar então a educação desencadeada nos casos aqui apresentados? Que desenvolvimento foi proporcionado a estes?

Fica evidente que em ambos os casos não fora oferecida uma educação digna e de qualidade, bem como os estudantes não foram reconhecidos como sujeitos ativos de seu processo de ensino-aprendizagem.

A maneira como cada professor conduziu a situação mostrou despreparo e desconhecimento do assunto, o que ocasionou um “pré-conceito”, onde o julgamento das atitudes dos alunos foi crucial para a separação destes perante os demais.

Enquanto educadores são necessários conhecer melhor nossos adolescentes de modo a enfrentar as vulnerabilidades e as desigualdades que influenciam seus desenvolvimentos e para garantir os seus direitos. Os projetos educativos fundamentados na realidade social e comunitária dos adolescentes podem mediar formas progressivamente mais críticas e conscientes dos adolescentes diante de seus contextos, favorecendo suas participações na transformação da comunidade. (ARAÚJO, OLIVEIRA, 2010 *apud* MEDERIOS *et al.*, 2014, p. 136).

Adolescentes em condições de vulnerabilidade tendem a ter seus direitos negados, como profissionais da educação e promotores de uma vida justa e digna,

acompanhar a trajetória destes, assim como conhecer a sua realidade, é fundamental para a coparticipação em seu desenvolvimento.

É preciso acompanhá-los de tal modo que possamos torná-los críticos e conscientes das suas atitudes e possíveis consequências.

Difícilmente a alteração de comportamento do aluno, quando este passa a usar drogas, passa despercebida por um professor.

O professor consegue perceber a mudança em seu comportamento, as gírias, a linguagem comum aos usuários, assim como seu isolamento, receio, nervosismo, além de fatores físicos como o olho vermelho ou vidrado, o sono, ou a inquietude. As roupas e acessórios também chamam a atenção do professor neste caso. A mudança repentina no estilo de vida, que chama a atenção do professor e que na maioria das vezes não é vista em casa.

Compreende-se o professor como o principal agente mantenedor dos direitos e da cidadania do aluno. Pelo fato de o professor se tornar mais próximo do aluno, acaba por conhecer sua situação familiar, problemas vividos entre outras situações, bem como acaba sendo também um dos primeiros a tomar conhecimento sobre seu envolvimento com as drogas.

O fato é que cada professor tem um papel crucial para a formação do sujeito.

Nesta fase de transição o diálogo entre ambos, professor e aluno é fundamental, porém aquele diálogo verdadeiro, franco e sem rodeios.

De uma maneira geral, “Não use drogas, você pode ir preso”. Ou a famosa fala: “Droga mata” mostra nitidamente que isto não funciona, e está longe de atingir a consciência dos jovens. O jovem acredita naquilo que ele é capaz de comprovar. É como se nossa fala só tivesse sentido se ele a comprovasse. E para isso, impulsionamos o experimento, ao uso da droga.

O jovem tem o contato real com a droga, tem acesso fácil. Conhece o vendedor, o traficante, aquele que usa moderadamente, sabe onde buscar, onde comprar, e na maioria das vezes tudo isso está em sua família e amigos.

Como professores, ensinamos teoria, a prática é o aluno que conhece. Neste caso teoria e prática precisam falar a mesma língua. Para isso precisamos conhecer a prática e comprova-la com a teoria.

Uma atitude bastante eficaz é investir nos vínculos, o que significa relacionar-se melhor com os alunos e abrir possibilidades para que cresçam entre eles laços de amizade. Ajuda muito também estabelecer limites, com

a negociação de regras claras que sejam válidas tanto para adultos quanto para crianças e jovens (MELO, 2005, p.20).

Relacionar-se melhor com os alunos é uma forma de empatia. Isso faz com que o aluno sinta confiança para compartilhar seus medos e aflições. Porque muito mais que passar um conteúdo, o professor tem a nobre missão de prepara-lo para a vida.

Quando o professor está aberto ao diálogo e consegue ver em seu aluno algo a mais que um simples receptor de conteúdo, tende-se a desenvolver um laço afetivo. Assim, o professor consegue através deste elo garantir não somente a permanência do educando na escola, mas a oportunidade de dialogar, e aproximar-se da realidade do mesmo, tendo o conhecimento necessário para possíveis encaminhamentos.

Sendo assim, quanto mais próximo do aluno o professor estiver, maior a chance de sucesso na escolha do tratamento adequado para este, compreendendo em que fase o aluno está mais fácil apontar os caminhos, seja em fase inicial ou quando já há dependência.

É como se primeiro você precisa confiar no aluno para que ele possa confiar em você. A insegurança comum na adolescência se torna ainda maior quando iniciado o uso de drogas.

Posturas excludentes, autoritárias, preconceituosas, punitivas ou moralistas são atitudes que provocam reações negativas e dificultam o relacionamento e o diálogo educativo. As relações afetivas que se estabelecem na escola, entre professor e estudante, entre profissionais da educação e estudantes, contribuem para atitudes de respeito, confiança e convivência ética (SANTA CATARINA, 2018, p. 13).

O fato é que dependendo da maneira como o professor age, com relação ao aluno usuário de drogas perante aos demais interfere profundamente em todo processo educacional podendo colocar em risco sua permanência na escola assim como a escolha do tratamento adequado.

Um professor preconceituoso e autoritário tende a não compreender o aluno. Uma simples atividade em grupo, por exemplo, pode gerar um grande conflito. Muitas vezes o professor acaba escolhendo os grupos para realização de trabalhos, no caso de um aluno nas condições de dependência essa atitude pode ser o ápice

para um abandono da aula. Estes se sentem mais confortáveis na presença de amigos próximos, ou pessoas em que eles confiem.

Punir um aluno, principalmente na presença dos demais colegas de classe, além de mostrar grande despreparo por parte do professor, gera grande repulsa. Na maioria dos casos isso só piora a situação, pois faz com que o aluno sinta a necessidade de confrontar. De fazer-se notar. Mostrar superioridade.

Esse comportamento, muitas vezes, se manifesta na própria adolescência, e se intensifica em usuários. Como por exemplo, o simples fato de não se permitir ir ao banheiro durante as aulas. Quando o professor autoriza esta ida ao banheiro a outro aluno, a sensação de não pertencimento, de inferioridade se manifesta.

Muitas vezes o professor acaba, durante a aula, usando a situação do usuário como exemplo, se referindo a um mau exemplo, e de maneira moralista e infeliz vai destruindo o elo que ainda existia entre eles.

Por outro lado, quando se dá ao aluno condições para que ele se sinta pertencente ao grupo, iniciamos o firmamento de um laço de relações importantes para as relações afetivas.

Atividades multidisciplinares, e culturais tendem a ser uma ótima oportunidade. Quando a escola promove uma feira cultural, um concurso de música, de dança, ou algo nesse sentido acaba por desenvolver nestes jovens autonomias, responsabilidade e conseqüentemente seu reconhecimento.

Este aluno, assim como os demais precisa expressar, mostrar sua realidade, seus gostos e suas preferências. Não apenas uma atividade, mas uma grande oportunidade para verificação da realidade do aluno. Acompanha-lo durante a execução da atividade também é fundamental, principalmente para aperfeiçoar os laços afetivos.

O que acontece na realidade é que esta relação entre professor e aluno está longe de se tornar realidade. Na grande maioria, professores tem receio de falar do assunto. Encaminhá-los a secretaria ou fechar os olhos parece ser as duas opções a serem tomadas. É como se o professor evitasse saber o que se passa com o aluno, assim não caberia a ele tomar alguma decisão, e se tomada encaminhar para a secretaria seria o certo, pois é lá que se resolvem todos os problemas.

O professor conhece a situação do aluno, e prefere não se manifestar, muitas vezes, por medo, receio, ou simplesmente por achar que esta cumprindo com seu papel que é tão somente passar conteúdos.

É possível perceber que o enfrentamento as drogas até o momento parte de medidas preventivas, e no decorrer vão se tornando punitivas. É notória a discriminação para com os alunos que já tiveram acesso a ela, onde estes por medo de repreensão acabam por se calar, e sem ajuda e acolhimento tornam-se dependentes e como nos casos aqui apresentados, não conseguem largar o vício e se recolocar na sociedade e no mercado de trabalho.

Há muito tempo vem se falado nas parcerias que devem existir entre família e escola, bem como a melhora significativa no processo de ensino-aprendizagem quanto este também é acompanhado pelos pais.

Muito, além disso, quando família e escola andam juntas, seus ideais são garantidos.

Na maioria das vezes como aqui já observado, o professor acaba sendo o primeiro a perceber indícios do contato do aluno com as drogas, isto se dá porque, para a família muitas vezes é difícil acreditar, se torna quase que impossível aceitar a real situação. E a partir daí a família tende a fechar os olhos para esta situação.

Rabelo (2001, p. 77) destaca o depoimento de Adriano, 18 anos:

A curiosidade me levou a ingressar no clube dos drogados. Foi fácil encontrar alguém que me vendesse. Forneceu-me a maconha garantindo pureza do produto, preço acessível e, particularmente, baixo risco ao usuário. Hoje sei que dei com a cara na parede, pondo nas costas uma cruz desnecessária. A droga não redime ninguém. Entrei num processo de degeneração, de menos vida, de menos amigos, de menos família. Troquei o dia pela noite. Em casa, passava a informação de que o mundo de hoje é assim mesmo. Os pais é que estão alheios. Consegui por um longo tempo enganar a torcida. Minha dependência ficou evidente quando o pai pegou-me na esquina fumando um baseado. Não tinha como esconder. Interrogado, apelei para o recurso mais comum da idade: "Foi só para experimentar". Quando disse isso meu pai suspirou profundamente. A mentira passou a ser a principal arma de defesa. Depois dessa frase negra na minha vida tirei minhas conclusões para quando for pai: não serei tão ingênuo quanto foram os meus.

Este distanciamento por parte do aluno se dá por medo, repreensão, é como se a escola para ele estivesse ligada a policia, conselho tutelar ou qualquer outro meio que geraria punição. De fato, estes órgãos estão ligados, mas um para auxiliar o outro, e todos para garantir a cidadania e os direitos do aluno.

O que acontece é que cada vez que excluimos o aluno de alguma atividade, que não o tratamos como os demais, ou quando simplesmente os deixamos de lado

e fingimos que nada está acontecendo estamos contribuindo para seu afundamento no mundo das drogas.

Segundo o NEPRE (Núcleo de Educação e Prevenção) do Estado de Santa Catarina em sua cartilha Educação, Adolescentes e uso de drogas há seis caminhos a ser percorridos para atendimento a estes alunos e que devem servir como pilares na elaboração de projetos.

- Estudos
- Diálogo
- Acolhimento com ações de escuta
- Articulação da rede interna da escola
- Articulação intersetorial (rede externa)
- Articulação com as famílias

Como para Paulo Freire, a escola não é apenas uma instituição que a humanidade elegeu para socializar o saber sistematizado, Tampouco é só um espaço físico, um lugar para estudar, é, sobretudo, um espaço de gente.

Escola é... O lugar onde se faz amigos Não se trata só de prédios, salas, quadros, Programas, horários, conceitos... Escola é, sobretudo, gente, Gente que trabalha, que estuda, Que se alegra, se conhece, se estima. (FREIRE, 1983)

Ainda segundo o NEPRE, é preciso pensar em uma educação que tenha como perspectiva o reconhecimento e a aceitação do “outro como legítimo outro”, que cuida de si cuidando do outro também.

[...] uma escola que protege os sujeitos que dão sentido à sua existência como instituição social e que tem ações orientadas pela Gestão do cuidado, especialmente na educação de crianças e adolescentes, em convivência entre si e com adultos. Em uma escola que está disposta a criar espaços para partilhar uma nova cotidianidade feita de mudanças, de persistência esperançosa, de confiança na nossa obstinação por um mundo de paz (SOUSA, MIGUEL, LIMA, 2010, p. 5).

METODOLOGIA

A metodologia usada na pesquisa se dá através do conjunto entre pesquisa bibliográfica e estudos de casos. Também se faz mencionar que na metodologia

empregada se propôs a desenvolver o referencial teórico de maneira qualitativa, descritiva e reflexiva através de uma pesquisa bibliográfica, sendo uma pesquisa qualitativa, que teve como princípio analisar e refletir situações vivenciadas por jovens usuários de drogas no ambiente escolar.

A pesquisa é parte integrante do processo de formação da consciência crítica que sempre começa pela capacidade de questionar, da mesma forma que educar não é um processo que se faz aos pedaços ou em momentos e em condições cômodas. A pesquisa precisa também tornar-se atividade cotidiana, na qual se vê com olhos abertos, vendo o mundo criticamente, não apenas quando é interessante, mas sempre, e em todo lugar (DEMO, 2005).

Iniciou-se com uma pesquisa bibliográfica para estabelecer os conceitos básicos para a pesquisa, tendo como principal norteador a Cartilha do Estado de Santa Catarina, Educação, Adolescente e uso de Drogas: Abordagens Necessárias (2018). No segundo momento houve a observação do objeto de estudo através de estudo de casos, observando a trajetória escolar de três jovens desde o início das drogas, até o tratamento institucional que estes receberam. Estes casos foram observados e relatados pela autora em uma perspectiva observadora e participante. Os casos foram apresentados tendo em vista sua percepção e memória, rememorando fatos ocorridos nos últimos cinco anos.

CONCLUSÃO

A partir do momento em que a escola for compreendida como instituição mantenedora de cidadania, reconhecendo toda a sua função social na promoção e garantia dos direitos humanos, poderá se pensar em caminhos e alternativas para o acolhimento e acompanhamento de alunos em situação de dependência química.

No momento em que alunos sejam tratados de maneira igualitária, sem julgamentos, sejam assistidos com total atenção, unindo família, escola, e setores da área da saúde, o abandono escolar poderá ser sanado.

No momento em que houver empatia, diálogo, e que não mais houver discriminação, há de se pensar na recuperação destes alunos, assim como sua inclusão na sociedade e garantia de permanência no mercado de trabalho. Quando

houver o cuidado necessário, e a atenção devida por meio das unidades escolares, haverá a busca do sentido e qualidade de vida.

Abstract

Drug use by young people has grown significantly in recent years, especially in the school environment. This research seeks to reflect on the role of the school for students in situations of chemical dependency, analyzing how they are treated by teachers, management and other members of the school unit, since, in most cases, the school is their only source of dignity and what maintain their citizenship. It is true that the present legislation seeks ways to prevent the use of drugs. It is common to see informative lectures in schools about the use and consumption of drugs, their reactions and consequences. However, we must think of students who have already tried, used, or are drug users. To think about how the school receives them, how they live with others and how their teaching-learning process takes place. From the cases reports presented below, it is clear that drug addiction occurred in African American boys, residents of peripheral areas, poor ones and from unstructured families. Experienced trajectories show that when young people enter the world of drugs, they are often trying to escape or have a moment of peace. Out of fear, shame, embarrassment or even fear of punishment they end up distancing themselves from the others. They become different from their classmates, they are seen as another hopeless case, they lose hope for a better life and they end up evading regular school. Some of them, after several failures, seek a new opportunity in EJA, which also ends up frustrating them, making them to abandon their studies for good.

Keywords: drugs, students, vulnerability, rights, education.

REFERENCIAS

ABRAMAVAY, M.; CASTRO, M. G. **Drogas nas escolas:** Versão resumida, Brasília: Unesco. 2005.

BOCK, A. M. B.; LIESBESNY, B. **Quem eu quero ser quando crescer:** um estudo sobre o projeto de vida de jovens de São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm

DIDONÊ, D.; MURTINI, R. **Drogas:** só a escola não quer ver. Revista Nova Escola. n.205. Setembro. 2007.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** Moacir Gadotti, Lilian Lopes Martins (trad.). v. 1. Coleção Educação e Comunicação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

LLORET, C. As outras idades ou as idades do outro. **Imagens do outro.** Petrópolis: Vozes, 1998.

MEDEIROS, A. M. A. *et al.* **Docência na educação**. Brasília: UnB, 2014.

MELO, G. N. Sucesso na aprendizagem fortalece o aluno para a vida. **Revista Nova Escola**. Abril.2005

PEREIRA, E. D.; PINTO, J. P. Adolescência: como se faz? – apontamentos sobre discursos, corpos e processos educativos. **Fazendo Gênero**, Goiânia: Grupo Transas do Corpo, ano VII, n.17, jul./out. 2003.

RABELO, N. **É preciso voar... sem o peso das drogas**. 2 ed. São Paulo: Paulinas 2001.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Educação, adolescentes e uso de drogas: abordagens necessárias**. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2018.

SANTOS, H. S. **Drogas**. Biologia Net. Disponível em <https://www.biologianet.com/saude-bem-estar/drogas.htm> Acesso agosto/2020

SEIBEL, S. D.; TOSCANO, A. **Dependência de drogas**. São Paulo: Atheneu, 2001.

SILVEIRA, D. X.; DOERING-SILVEIRA, E. B. Padrões de uso de Drogas. **Aberta: Portal de Formação à Distância - Sujeito, Contextos e Drogas**. SENAD. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201903/20190326-112501-001.pdf>. Acesso em: 09 out. 2017.

SOUSA, A. M. B.; MIGUEL, D. S.; LIMA, P. M. **Gestão do cuidado e educação biocêntrica**. Florianópolis: UFSC, 2010.

TIBA, I. **Disciplina limite na medida certa**. São Paulo: Editora Integrare, 2006.

WOLFF, F. Quem é bárbaro? **Civilização e Barbárie**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.